

# 1

## Introdução

Duas coisas foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho: a) a teologia da *kénosis*, que, enquanto objeto material, justificou sistematicamente a história de Deus no mundo ou, melhor dizendo, a história do mundo em Deus que leva para além do teísmo e do ateísmo, leva para uma nova criação, à Trindade aberta que acolhe toda história humana com seus dilemas e desesperos.<sup>1</sup> b) a feliz descoberta da teologia de Jürgen Moltmann, profundo teólogo da esperança e da misericórdia e profeta anunciador do *pathos* de Deus – Deus apaixonado e sofredor.

A teologia da *kénosis* revela a passibilidade de Deus, o *pathos* de Deus, a capacidade que Deus tem de amar e, por amor, sofrer com os sofrimentos do mundo sem prejuízo à sua natureza, mas o faz justamente por sua onipotência no amor. Revela o ser profundo e autocomunicativo, que necessita sair de si para livremente amar. A necessidade e a liberdade em Deus são correspondentes, portanto, por ser amor (1João 4, 16) sempre ama e seu amor é sempre livre. Desse amor livre existente em Deus triúno, amor recíproco entre Pai e Filho, o mundo foi criado. No entanto, a criação do mundo, a criação para fora implica uma ação para dentro. Deus se comprime, se retrai, se esvazia, tornando-se espaço amplo para que em sua infinitude a finitude do mundo possa existir. Na passibilidade de Deus, autocomunicada pela *kénosis* de Jesus, podemos experimentar a alegria de Deus que cria por amor, cria para amar e ama criando. Por esse amor alegre e criativo de Deus, que sustenta a relação perfeita entre o Pai e o Filho, este – o Filho - é enviado esvaziando-se para comunicar o amor alegre e livre de Deus que em sua liberdade quer ser correspondido. O Filho, em comunhão com seu Pai e sustentado pelo Espírito<sup>2</sup>, esvazia-se até a morte e morte de cruz, como afirma Paulo em sua carta aos filipenses (Fl 2, 8), afim de fazer com que todos, inclusive os distanciados de Deus pelo pecado, experimentem o amor sendo acolhidos, amparados e ressuscitados.

Além da passibilidade de Deus, a teologia da *kénosis* produz outra contribuição muito positiva para a teologia hodierna ao fazer desmoronar todo

---

<sup>1</sup> MOLTSMANN, J. **O Deus Crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2014, p. 310.

<sup>2</sup> Id., **O Espírito da Vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 70.

teísmo e ateísmo. O teísmo baseia seu sistema teológico na existência de um Deus pessoal que é transcendente, mas intervém na história. Um ser moral com preocupações justas e benevolentes por suas criaturas. Além disso, seu conhecimento baseia-se na razão e nos conceitos de bom e belo. No teísmo Deus é identificado ao mundo apesar de se sobressair a este por sua superioridade. Nisso reside a dificuldade e fragilidade do teísmo diante da cruz. Sendo Deus identificado no mundo a partir do bom e do belo, sua realeza e exaltação, não resta espaço para a compreensão do esvaziamento de Jesus na cruz e com ele toda a expressão do amor comunicada no crucificado. Na cruz não há nada de belo! Ao contrário, é ignóbil. Portanto, a kénosis derruba o teísmo no sentido de que Deus é revelado no seu contrário: na fraqueza, na miséria, na cruz. O teísmo ao reconhecer Deus no belo e no bom esvazia a cruz de seu sentido salvífico. Nele, a cruz é apenas mais uma injustiça causada pelos homens num mundo manchado pelo pecado e não a máxima expressão do amor de Deus triúno.

Na outra face da moeda encontramos o ateísmo, gerado ou pelo menos fortalecido pela teodicéia. O ateu pergunta, de acordo com Moltmann, pela existência de Deus diante do mundo com tantas injustiças e mazelas e essa pergunta não é respondida por nenhuma prova cosmológica de Deus. Na verdade o ateísmo possui como combustível o teísmo. O teísmo e o ateísmo são irmãos.<sup>3</sup> Diante de toda onipotência de Deus, sua perfeição e justiça o ateu se vê obrigado a perguntar: Por que existe injustiça? E sua conclusão é a seguinte: ou Deus pode e não quer, ou quer e não pode, ou não quer e não pode eliminar as injustiças do mundo. No entanto, a resposta para todas estas perguntas se encontram na cruz. Somente um Deus apático é indiferente ao sofrimento e as injustiças. Somente ele é incapaz de sofrer. Na cruz de Jesus, verbo de Deus, a Trindade faz presença: na comunhão com o Filho o Pai sofre com o sofrimento e a morte de seu Filho e no Filho de toda a humanidade que geme dores de parto. Dessa comunhão amorosa procede o Espírito que acolhe os desamparados, justifica os malfeitores e vivifica os mortos. Ou seja, diante da injustiça sentida pelo ateu, Deus já se faz presente sofrendo com a dor do injustiçado e sustentando-o. Na cruz, Deus faz de nossa história de vulnerabilidade sua história assumindo todas as nossas fragilidades em seu amor.

---

<sup>3</sup> MOLTSMANN, J. **O Deus Crucificado**, p. 275.

A teologia não pode ser uma mera maneira de falar de Deus, sobretudo, um falar ortodoxo como se Deus fosse o objeto do discurso teológico. A teologia deve brotar da experiência de Deus na vida para a vida. Deve ser o discurso sistematizado de uma profunda experiência com aquele que é sujeito de nossa existência. Por isso a teologia, como uma linda flor que tem suas raízes fincadas na terra onde foi plantada, possui um *locus* determinado, o *locus* da experiência de fé do teólogo.<sup>4</sup> Jürgen Moltmann é, talvez, o teólogo que mais expressa em sua teologia essa experiência profunda de Deus. Dessa experiência brotam nas páginas de seus livros a Esperança, em maiúsculo, pois nos referimos à grande Esperança a Esperança escatológica, e a misericórdia fruto da experiência profunda do amor de Deus em sua cruz pessoal. Além de ser marcada pela experiência de Deus, sua teologia é marcada profundamente por sua cruz e seu sofrimento. O *locus* de sua teologia é a miséria humana da segunda guerra mundial. Sua teologia, assim como a teologia de Johann Baptist Metz, se dedica a perguntar por Deus frente a essa mácula na história da humanidade. “Meu Deus, onde estás?” foi o grito dado por ele após uma bomba disparada pela força aérea inglesa estraçalhar seu companheiro de bateria na noite da operação gomorra.<sup>5</sup> Portanto, sua teologia é fruto dessa experiência de cruz. Ela brota da sensação de abandono vivida na guerra, mas, sobretudo, da esperança de quem em seu abandono e sofrimento foi sustentado por Deus em seu amor e misericórdia infinita.

Tendo falado um pouco sobre a teologia da kénosis com suas implicações ao longo de nosso trabalho e do teólogo que norteou essa empreitada, queremos falar do conteúdo de nossa dissertação em si, os esquemas e capítulos de nosso trabalho. Primeiramente nosso trabalho se dedica investigar a kénosis de Jesus como autocomunicação do *pathos* de Deus a partir da teologia de Moltmann. O esquema de nossa dissertação se dá em três grandes partes, correspondendo, cada uma delas a um capítulo. A primeira parte destina-se a tratar da teologia do autor: sua motivação, sua cristologia, enfim, exclusivamente do autor. No segundo capítulo, que corresponde à segunda parte, desenvolveremos o tema da kénosis como autocomunicação. Nesse processo utilizaremos outros autores, autores que

---

<sup>4</sup> Cf. BOFF, L. **Jesus Cristo Libertador**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 12-14. Ver também: WILFRED, F. **Lutas por um mundo mais justo e inclusivo**: o papel da Teologia, In: Revista Concilium 364 (2016) p. 23.

<sup>5</sup> MOLTSMANN, J. **A fonte da Vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, p. 10.

dialoguem com Moltmann, a fim de enriquecer o conteúdo deste trabalho. Por fim, apresentaremos na terceira parte o ponto fulcral, o ápice, da teologia da kénosis: o grito de abandono proferido por Jesus na cruz narrado nos evangelhos de Marcos e Mateus.

O primeiro capítulo se divide em três partes. Na primeira parte queremos abordar o contexto histórico do autor, no qual já mostramos sua extrema importância para sua teologia. No segundo ponto desse capítulo identificamos três modelos cristológicos na obra de Moltmann que vale a pena ser ressaltado. Na cristologia trinitária o autor derruba todo e qualquer cristomonismo, demonstrando a íntima relação que há com as outras pessoas da Trindade. Sua cristologia em tom escatológico ressalta a relação entre a história e a escatologia levando o leitor a compreender que a dimensão escatológica é iluminada pela histórica e, esta por sua vez, recebe todo o sentido a partir da dimensão escatológica. A terceira, mas não menos importante, é a dimensão solidária da cristologia. Nela, Moltmann identifica na kénosis de Jesus que culmina na cruz à solidariedade de Deus ao sofrimento. Por fim, este capítulo se encerrará com a teologia do *pathos* de Deus. Mostraremos as duas correntes, discriminadas por Moltmann em sua obra, sobre ser de Deus. A primeira é chamada de “deus apático” e a segunda de “*pathos de Deus*”.

No segundo capítulo pretendemos desenvolver o conteúdo de nossa pesquisa que culminará com grito de Jesus no capítulo terceiro. Nos primeiros pontos deste capítulo segundo queremos desenvolver a teologia da kénosis, pois como já dissemos nosso trabalho destina-se a pesquisar a kénosis como autocomunicação. Esse desenvolvimento se dará em duas frentes: a) a primeira na área sistemática, onde pretendemos a partir de Moltmann discorrer brevemente sobre o conceito em seu âmbito sistemático-pastoral; e b) a segunda propõe uma leitura bíblico-teológica do hino cristológico de filipenses (fl 2, 6-11). No entanto, essa leitura não possui pretensão exegética, apenas informativa. Analisar exegeticamente seria demasiado extenso e exaustivo, um duríssimo trabalho, e, sobretudo, fugiria do assunto e da área teológica a qual nos inserimos. Na segunda parte deste capítulo, já tendo tratado do conceito de kénosis, nos dedicaremos a abordar a dimensão autocomunicativa dessa teologia. Portanto, desenvolveremos o conceito de autocomunicação e suas implicações. Além disso, a autocomunicação de Deus, como compreendemos, se estende à encarnação e a

cruz. Ambas serão abordadas, nesta perspectiva autocomunicativa, em seus respectivos pontos deste capítulo.

Finalmente em nosso terceiro capítulo queremos tratar da kénosis em seu ponto mais profundo - o grito de Jesus na cruz. Na primeira parte dessa empreitada abordaremos a dimensão bíblico-histórica desse episódio e suas implicações nos evangelhos de Marcos e Mateus. Assim como no ponto da carta aos filipenses, não é nossa preocupação promover uma análise exegética dessa perícopes, mas apenas informar, a partir de alguns biblistas, o sentido teológico deste texto que será fundamental para o desenvolvimento teológico do capítulo. Além disso, queremos destacar a dimensão trinitária do episódio da cruz de Jesus. Nesse sentido, ressaltamos a relação íntima entre o Pai e seu Filho Jesus e a importância da expressão *Abba* para a compreensão dessa relação o que será fundamental para o desenvolvimento da teologia do abandono de Deus. E finalizando este capítulo demonstraremos o significado que resulta dessa situação de abandono de Jesus – sua separação e comunhão com Pai. Demonstraremos de que forma se dá a autocomunicação profunda do ser de Deus, ou seja, do *pathos* de Deus. Em outras palavras, a comunicação profunda do amor.